ANO II — Lisboa—Terça-feira, 14 de Maio de 1918 — N.º 365

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 134

Editor — João A. Santos

Telefone: C. 1035

Reformas de Instrução

Ignorámos inteiramente o limite até onde poderão ser praticados os planos de reforma do ensino publico, já entregues ao Governo pelas diversas comissões de professores.

O que todos sabem ou facilmente concluem é que não se torna possivel conseguir qualquer melhoria nos serviços de administração ou regencia sem elevação nas respectivas verbas orçamentais.

Esse deverá ser certamente o principal obstaculo á efectivação de muitos altos intuitos inteligentes e de efeito seguro na sua aplicação, que o trabalho e a experiencia das comissões terá revelado nas suas conclusões e relatorios.

Manda a verdade dizer que não é o nosso país aquele em que menos se legisla sobre instrucção publica, o que logo demonstra a improficuidade das reformas, emas vezes por falta de recursos, outras por simples inadaptação dos regimens de ensino.

Sem edificios nem material escolar na maior parte das casas de educação, faltam tambem os professores-profissionais, isto é, aquelas dedicações ilimitadas, tenazes e heroicas muitas vezes, que dignificam a propria função de ensinar.

Em Portugal onde as competencias felizmente são mais numerosas do que quere a má-lingua de quantos não conseguiram levar um curso até ao fim — faltam comtudo os professores, não existe o *tipo* social que essa função caracteriza, porque o nosso mestre, em qualquer grau que professe, socorre-se necessariamente da *acumulação*.

Para viver ou, antes, para não morrer de todo é mingua, o professor é advogado, medico, industrial, burocrata, negociante, militar, dentista ou engenheiro.

Tendo de apoiar-se no trabalho pessoal o encargo de qualquer existencia, sempre terei visto que nunca bastam a um profissional do ensino publico os reditos atribuidos ás duas, trez ou quatro horas diarias de lição. Deste modo, o exercicio do ensino torna-se simplesmente um salariato, porque a necessidade de recorrer a ocupações lucrativas estranhas, obriga a subalternizar uma tarefa que deveria manter-se num primado inaccessivel.

Por isso é que um advogado, um negociante, um engenheiro é *tambem* professor, realizando o milagre da ubiquidade, consumindo as horas e os dias numa luta esterilizante e mortificadora.

Não ha direito de exigir trabalho, dedicação e amor pelo ensino, quando esse trabalho é irrisoriamente remunerado e não se estimula a dedicação que é necessario esperar-se dos que a formar o espirito dos outros consomem o melhor vigor da sua actividade.

Ha muito que está escrito e continuamente verificado—não é economizando com o criterio de uma dona de casa que se consegue levar a barca a salvamento. Num estado não se gasta o menos possivel, deve gastar-se o indispensavel. Economizar não é poupar, mas não gastar superfluamente, visto que muitas economias se traduzem em graves depressões no futuro.

E' possivel que o somatório do aumento das despezas em todos os ramos do ensino se traduza em algumas centenas de contos e por certo não é este o melhor momento para impôr ao tesouro anémico mais o sacrificio de uma sangria, quando o orçamento de guerra ultrapassa só por si todas as capacidades financeiras.

Seja como fôr, bem fizeram aquelas comissões que á especie de consulta que pelo ministro lhes foi dirigida, responderam sem disfarces nem hesitações.

Entre todos, ha um ramo de ensino, o tecnico, para o qual deveriam ir as atenções preferentes do poder. Só o desenvolvimento do ensino profissional com aplicação imediata ás industrias pode tornar-nos menos sensivel o embate da concorrencia depois de terminada a guerra.

Não que concordemos com a constituição actual dos cursos (no grau elementar), com a organisação das oficinas ou com a fiscalização do ensino.

Mas, na impossibilidade de modificar toda a estrutura pedagogica e administrativa, era muito desejavel que uma dotação maior para pessoal e material traduzisse a aspiração de reviver com mais inteligente energia e melhor orientado impulso as industrias nacionais.

O mesmo erro revolucionario desorganizou os quadros sociais e sacrificou os nucleos corporativos que tinham a honra da profissão como a melhor lei do trabalho, consagrando pelo aprendizado e pelo oficialato a jerarquia da competencia que nenhuma norma hoje condiciona, podendo viver á sombra da confusão, toda a especie de fraude nos productos industrializados. Essa grande reforma ha de corresponder amanhã a uma das mais evidentes soluções da questão social, quando no estado sindicalista as profissões tomarem conta do seu proprio destino, recuperando a função que o poder politico lhes usurpou.

Por nossa parte, incompetente como julgamos o Estado para organizar o ensino profissional, só nos cabe desejar que na mais ampla e responsavel autonomia, se corrijam os excessos e os aleijões burocraticos, todos os teorismos a que anda amarrado o destino das artes e oficios, do comercio da agricultura e das industrias domesticas e fabris.

Hipolito Raposo.

Comentarios

Uma data

O jornal de S. Roque, sem ofensa para o Santo, aparece-nos hoje embandeirado em arco no aniversario do 14 de maio. Não pode haver orgão jornalistico mais coerente no descaro, nem mais descarado no impudor.

Ha tres dias descobriu-se no Porto uma conspirata jacobina tremenda: mais de duas mil bombas para incendiarem a cidade, armamento enterrado nos covaes do cemiterio, listas enormes de condenados a morte e ao suplicio para o dia em que vencessem.

Se qualquer conluio, embora sem importancia, fosse descoberto contra o governo no tempo do Afonsismo, logo os nossos jornaes teriam sido empastelados e, não só os jornaes, administrações e tipografias, os jornalistas tambem. Ora o *Mundo* continua-se publicando, como dantes, em plena liberdade, rugindo por traz das taboas de pinho que lhe servem de vidraças, como os toiros costumam berrar por traz das portas do curro. Faz lá de dentro, num cumulo de cinismo, a apologia tôrpe do 14 de Maio, publicando os retratos do Norton mais do Leofe, com Torre-Espada e tudo, para edificação e exemplo das gerações vindoiras. Essa data sinistra de latrocinios e assassinatos, que eles, os bandidos, queriam agora celebrar condignamente com novos assassinatos e novos latrocinios, surge-nos nimbada, na primeira pagina do *Mundo*, com uma aureola apoteotica de gloria. Ha gente que não pode perder a vergonha pela simplicissima razão de que nunca chegou a conhece-la e ainda muito menos a possui-la.

Ai, censores... censores...

Reuniu-se ontem, como nos bons tempos sepultos do demagogismo, a assembleia geral dos jornalistas de Lisboa e Porto, para tratar do problema da censura, que tanto preocupa e alarma quem exerce por obrigação o duro oficio de escrever.

Não é a instituição em si que propriamente nos incomoda; todo o mal que ela causa á imprensa resulta, sem duvida, da sua maneira incorrectissima de proceder. Qualquer tarimbeiro que troque o sabre de galucho pela pena de censor acha-se logo omnipotente e omnisciente para julgar, sem recurso, do nosso patriotismo e das nossas intenções. Surge um artigo qualquer que não lhes agrada por qualquer motivo, ou pelo titulo ou pela fórma, quantas vezes apenas pela assinatura, e vá então de retalha-lo a torto e a direito, sem dó nem piedade, numa verdadeira tempestade de colera animalesca. E' duro que nos mutilem assim o pensamento cortando palavras é alterando a pontuação, sempre que lhes apraz, personalidades anonimas irresponsaveis a quem a Natureza muitas vezes não concedeu o dom generoso de pensar. Ainda se eles rubricassem, conforme o alvitre que ontem se apresentou, as paginas supliciadas, haveria maneira de lhes provar, a um por um, quando caissem em pecado consciente de má fé, que isto de liberdade de imprensa não é só com palavriado que se defende. O caso vae ser entregue ao superior criterio do senhor Presidente Sidonio Paes, a quem os esbirros do Governo Civil já por varias vezes têm prejudicado com a sua imbecilidade e a sua inepcia. Tratem, portanto, os caricatos tiranetes da rua Capelo de gosar á vontade destes ultimos dias de infalibilidade e regabofe.

Afonso Costa já não está presidente de ministros, e quem o substituiu saberá substitui-los tambem, a eles censores, com dois movimentos imperiosos de espada ou duas amoraveis caricias de palmatoria. Cá estamos para o espectaculo.

Tarde de mais

A *Opinião*, o tal periodico *newalista* que teima, teima e reteima em desmentir nas suas locaes e nos seus artigos, aquillo que afirma no titulo, investe decididamente, a respeito da pontualidade britanica do Rei Eduardo, com o Senhor Presidente Sidonio Pais.

Não sei se pretendem insinuar que S. Ex.ª é menos atento e dedicado á causa da Gran-Bretanha, pelo facto de não chegar á tourada de gala com aquela exactidão horaria que os inglêses põem sempre nos seus habitos e na sua vida. Talvez seja esse o intuito inofensivo dos visinhos do *Mundo*, algozes com ele do pobre S. Roque, tantas vezes santo e tantas vezes martir. Talvez. Pela nossa parte estamos em dizer-lhe, muito á boa paz para não sermos importunos, que achamos que o Senhor Sidonio Pais só chegou demasiado tarde numa unica ocasião: foi para a revolta anti-demagogica e anti-*newalista* que nos libertou.

Se tivesse aparecido uns mêses ou uns anos mais cedo, muitas desgraças e lagrimas teriam sido poupadas a este país.

Ora vá lá, carissimo colega: afivele a sua conhecida mascara de boa pessoa e concorde, que temos razão.

C. de M.

Pimenta de Castro

Na casa de Saude das Amoreiras, faleceu hoje o general Pimenta de Castro, que foi presidente do govêrno que o vergonhoso 14 de maio derrubou.

E' curioso registar que hoje, dia do seu falecimento, passa o terceiro aniversario dessa revolução que o venceu, porque ele, apezar de tudo, foi humano...

Contra a guerra

A «COMPANHIA GARANTIA» effectua seguros de GUERRA. Agencia: José Henriques Totta & C.ª, banqueiros R. Aurea, 69 a 75. Telef. n. 1589-C.

Quem são os bandidos?

Hoje, no *Mundo*, na *Carta de Paris*, veem estas palavras:—*os bandidos do Rol da desonra*.

Ora como foi o *Mundo* o primeiro jornal que começou a fazer escandalo sobre esse folheto e a insinuar que em Portugal havia germanofilos, preguntamos:—quem são os bandidos? Os que escreveram o *Rol da desonra* ou os cavalheiros que figuram nesse rol?

Quem escreve estas linhas não teve o prazer de ler o celebre folheto que, segundo para aí afirmam, ia engasgando o *Mundo* e a *Republica*. Mas em compensação leu na *Capital* os artigos do sr. Cristovão Ayres, muito abundantes e preciosos de informação...

Como nos tenham dito que o *Rol da desonra* era como os artigos do sr. Cristovão Ayres a escalpelisação funda e desassombrada dos democraticos que prégaram a guerra para irem amochar-se em Paris, e como a linguagem do *Mundo*, apesar de ter lá dentro o literato José do Vale, é emmaranhada e obscura, no entanto continuamos a preguntar:—quem são os bandidos?

Esperamos que o *Mundo* nos responda amanhã.

«O Mundo» aprova a censura?

Ontem, na reunião da imprensa, todos os jornais da capital se fizeram representar, com excepção do *Mundo* onde escreve o literato José do Vale, amigo de Armando de Azevedo e do *Quim* que se acha em Angola.

Nessa reunião tratou-se da censura e dos processos por que ela é feita.

O *Mundo* que tem gritado contra a censura não apareceu, porem. Estaria o sr. José do Vale a escrever alguma obra de arte? Ou aprova o sr. José do Vale a censura, embora finja desaprova-la?

Alguem aqui ao lado diz-nos que numa reunião de imprensa o *Mundo* de nenhum modo poderia aparecer. Acaso o *Mundo* faz parte da imprensa? O *Mundo* por ventura é um jornal?

João do Amaral

Partiu para Coimbra, acompanhado de sua ex.ma esposa, o nosso camarada de redacção João do Amaral que nas colunas deste jornal tem afirmado o seu talento inconfundivel de jornalista.

A João do Amaral o nosso melhor abraço de despedida.

O unionismo nos Açores

Partido pequeno, limitado a uma dezena de senhores que deviam favores ao sr. dr. Brito Camacho, o partido unionista dos Açores acaba de dissolver-se.

Os Açores teem sido a victima da politica acidentada do continente. Assim o compreenderam os fundadores do *Partido Regionalista Micaelense*, e assim o compreenderam aqueles que acabam de abandonar o unionismo.

E' um gesto nobre, não porque abandonem o sr. Camacho, mas porque olharão mesmo os Açores, que começavam a desnacionalizar-se com a politica dos partidos.

Liga Naval Portugueza

Conferencia na quinta-feira proxima sobre a provincia de Traz-os-Montes o sr. dr. Teixeira Neves.

A marcação dos logares faz-se na secretaria da Liga Naval, nas condições do costume.

Joana d'Arc

A colonia francêsa celebrou ontem na egreja de S. Luís, rei de França, uma festa em homenagem a Joana d'Arc, a *Pucelle* que incarnou no seu corpo imaculo a inspiração e auxilio divinos, nas luctas da França contra a Inglaterra.

A' festa que constou de missa solene e «Te-Deum» assistiram o sr. ministo da França, consul e oficiais de terra e mar franceses.

Foi celebrante o sr. Jules Blanchet, acolitado pelos srs. Jaime Barreto e Pinto da Silva.

Algumas senhoras fizeram um peditorio por toda a assistencia para os soldados cegos que voltam da guerra.

Luiz d'Almeida Braga

Chegou a Lisboa o nosso querido amigo e ilustre colaborador dr. Luiz d'Almeida Braga.

Ao nosso excelente amigo enviamos as boas vindas.

A Reunião Monarquica na Madeira

Na ultima e grandiosa reunião realisada no Funchal pelo partido monarquico, serviu de secretario da assembleia o nosso presado amigo e correligionario sr. dr. Juvenal de Araujo que proferiu nessa ocasião um brilhante discurso. Os serviços que Integralistas Madeirenses, onde o dr. Juvenal de Araujo marca um logar de destaque, prestaram para essa reunião e depois nos actos eleitoraes foram como quando das eleições administrativas de novembro incalculaveis.

OS NOSSOS ALIADOS

Os exercitos de Portugal

Quatro brigadas heroicas

Os artilheiros luctaram á baioneta

O artigo que hoje damos aos nossos leitores encontramo-lo no Télégramme, o jornal de maior circulação do norte da França; todo ele é um preito de homenagem, franco, caloroso, entusiastico, ao glorioso exercito portuguès.

Agora que a situação militar parece restabelecida na Flandres vantajosamente para os aliados, seja-nos hoje permitido render homenagem ás valentes tropas que receberam o primeiro choque, as quatro brigadas portuguêsas que, soldados e cheles, se mostraram os dignos camaradas dos inglêses e dos Francêses que deviam de seguida sustentar o choque da terrivel avalanche alemã.

O nosso valente aliado, apesar do esforço empreendido em Africa contra as colonias alemãs, esforço que custou a esse país tantos sacrificios como sobre o campo de batalha da Flandres, continua a luter a nosso lado e a ligar o seu destino ao dos aliados.

A noticia da batalha da Flandres e a parte que nela tomaram os portuguêses nesta rude prova, provocaram em Portugal uma profunda emoção e ergueram todo o país contra os alemães que, contra o seu pequeno mas valente exercito empregaram os mesmos processos barbaros que excluiram a Alemanha do gremio das nações civilisadas.

Diz-nos uma carta de Lisboa que regimentos inteiros se haviam oferecido para serem os primeiros a marchar para os campos de batalha da Flandres afim de vingar os seus compatriotas.

Hoje, mais do que nunca, toda a nação portuguêsa reclama do governo uma participação ainda mais activa no «front».

Não serão nunca de mais as palavras que se digam da bela conducta das tropas portuguêsas no começo da grande batalha que se desenvolve no norte da França.

Em pleno relevo, os portugueses encontravam-se nas trincheiras, três brigadas na primeira linha e uma outra na segunda, de Laventie a Richebourg, quando o sector foi atacado pelos alemães; as outras brigadas que estiveram nas trincheiras quasi perto de um ano, acabavam de ser enviadas para a rectaguarda em reposo de algumas semanas. Na manhã de 9 os alemães lançaram de encontro as tres brigadas portuguesas quatro das suas melhores divisões de assalto, chegadas, de fresco, sobre o «front», fazendo preceder os seus ataques duma formidavel preparação de artilharia, mais potente ainda, segundo os peritos, do que a que precedeu a batalha do Somme.

Mais de 30.000 obuzes de gazes lançaram a atmosfera do campo de batalha absolutamente irrespiravel.

O bombardeamento começou ás quatro horas da manhã e, ás sete, chegavam as primeiras vagas de assalto.

As tropas não lhes cederam as trincheiras senão depois luta corpo a corpo, louca, selvagem, em que a baioneta representava o principal papel.

Sabe-se que as linhas portuguesas não foram rompidas pelos alemães no começo da batalha e que o inimigo os atacou de flanco, á direita e á esquerda, para as fazer ceder. A melhor prova de que os alemães esperavam uma forte resistencia da parte das nossas tropas está na violencia do fogo de artilharia que precedeu o ataque. Seria longo enumerar aqui, com todos os detalhes, os multiplos actos de heroismo dos portugueses. Alguns batalhões bateram-se até não terem mais munições nem oficiaes. O batalhão do 2, de Lisboa, chegou á rectaguarda completamente dezimado, não lhe restava mais do que alguns soldados, todos os oficiaes haviam tombado na luta, entre eles o joven capitão Americo Olavo, deputado, que morreu como um heroe á frente da sua companhia.

Como se disse, as perdas inimigas foram severas. Sabe-se hoje que a primeira divisão de assalto, uma divisão bávara foi completamente trucidada.

Outros batalhões se conduziram egualmente de um modo admiravel; o 17, de Beja, que como o 2, perdeu todos os seus oficiais, com as suas metralhadoras fez estragos consideraveis nas fileiras inimigas; o 15, de Thomar, de que a imprensa relatou já os seus feitos; o 15, de Vila Real foi egualmente um dos bravos regimentos que se distinguiu no campo de batalha.

Em verdade os batalhões portuguêses fizeram-se massacrar para barrar o caminho ao inimigo e é preciso fazer-lhe esta justiça,—o seu heroismo foi esplendidamente belo.

Depois de ter sido gravemente ferido, o comandante do batalhão do 15 matou com um tiro de espingarda o seu agressor e mais três ou quatro soldados; morreu em seguida a um «corps à corps» terrivel; as companhias do seu batalhão,—que estavam em «La Couture»—e de que o «Times» já assinalou a bravura, combatiam ainda ás três horas da tarde do primeiro dia de batalha!

Não tendo mais munições, o comandante do 2.º batalhão, o capitão Roma, depois de ter falado aos seus homens, felos carregar bayoneta. Pértiram como leões e grande mortandade fizeram nas fileiras inimigas; voltaram apenas dois oficiais desse batalhão: o primeiro, um capitão que se encontrava com os seus soldados em uma outra posição, juntou-se ás tropas escocêsas e bateu-se durante dois dias e duas noites com os homens que lhe restavam; o segundo, um bravo alferes que, errando sobre ele o alvo um alemão, cara lhe fez pagar a sua temeridade.

A artilharia portuguêsa—de que alguns jornaes já relataram a formidavel tarefa—varriu com o seu fogo companhias inimigas.

Está absolutamente confirmado que alguns canhões atiravam ainda quando a primeira e segunda vagas de assalto inimigas haviam já franqueado as primeiras linhas.

A resistencia das tropas portuguêsas foi tal que o inimigo, enfurecido, não faz prisioneiros e lança-se sobre os feridos, em particular sobre os artilheiros que, num dado momento, defenderam as peças a tiro e á bayoneta. Nesse dia os alemães souberam bem o valor do canhão 75 francez, manejado pelos portuguêses.

A participação militar de Portugal tem sido das mais gloriosas. Ignora-se, em geral, a sua conducta e é por isso que o «Telegramme» quer hoje, curvado perante a verdade e em homenagem d'admiração, expol-a aos seus leitores.

. . . . . .

Com uma população de cinco milhões e meio de almas Portugal mobilisou 100.000 homens. E' para o nosso aliado um grande sacrificio, que nada é comparado comparado com o admiravel espirito moral do paiz e da coragem das suas tropas. Pequeno povo, resolveu expontaneamente tomar parte na lucta empreendida; não quiz refugiar-se em uma neutralidade que lhe teria levado a opulencia e veio lealmente dar-nos o seu concurso ilimitado, resolvido a ligar a sua sorte á nossa, e por isso este jornal, que conta tão cordiaes amizades em Portugal—como testemunho o envio ha alguns mezes dum explendido pavilhão nacional, presente da Cruz Vermelha de Lisboa ao «Telegrama», este jornal, que admira todos os aliados e vê que se lhe presta justiça, quiz hoje dizer bem alto o que só sabem aqueles que viram os portuguêses nas linhas de fogo.

São tropas esplendidas, mas modestas; são dignas do tributo de admiração que esta região do norte, tão sacrificada mas tão confiante, concede áqueles que defendem o seu solo e nele escrevem com o seu sangue uma imperecivel historia de sacrificios e de gloria.

Edmond Equoy

Reunião da imprensa

Reuniram-se ontem, em virtude do convite feito pelo redactor principal do *Jornal do Comercio e das Colonias*, como decano dos jornais diarios do país, os representantes da quasi totalidade dos periodicos de Lisboa e de alguns da provincia.

A reunião efectuou-se na séde da Associação dos Trabalhadores da Imprensa, e a ela assistiram e fizeram-se representar todos os jornais da capital, excepto *O Mundo*. *A Monarquia* achava-se representada pelo seu director sr. Conde de Monsaraz.

Constituida a mesa, á qual, por indicação da assembleia, e por impossibilidade do sr. Bessa, presidiu o sr. dr. Alfredo da Cunha, tendo como secretarios os srs. Francisco Vidal e Botelho Moniz, foram da palavra os srs. Pedro Muralha, Moreira de Almeida, Luiz Derouet, Botelho Moniz, drs. Camara Reis, Anibal Soares e Eduardo Segurado, que explicou a ausencia do sr. José Barbosa, por motivo de serviço publico. Ladislau Batalha, Joaquim Cardoso, que declara que a imprensa socialista só aceitaria a doutrina do decreto promulgado em seguida á revolução de dezembro e que revogou as restricções á liberdade de imprensa e Bartolomeu Severino, que condenaram todos a forma insolita como a censura se está exercendo, citando factos comprovativos da justiça dos protestos e reclamações da imprensa.

Pelo sr. dr. Anibal Soares foi apresentada a seguinte moção, que a assembléa aprovou plenamente:

«A assembléa dos directores e representantes dos jornaes de Lisboa, Porto e provincia, reunidos na séde da Associação dos Trabalhadores da Imprensa, resolve nomear uma comissão que se encarregue de redigir e levar perante o sr. Presidente da Republica uma representação reclamando:

1.º—Que a censura preventiva da imprensa seja exercida segundo o regimen da lei de 6 de setembro de 1917;

2.º—Que a nomeação dos membros das comissões de censura se faça por despacho publicado na folha oficial;

3.º—Que seja de novo posta em vigor a determinação segundo a qual cada prova de pagina censurada devia ser rubricada individualmente pelo membro da comissão que a tivesse censurado;

4.º—Que aos membros da comissão de censura seja imposta responsabilidade legal pelos actos de negligencia, erros de ofício, abusiva aplicação da lei ou quaesquer outros que indevidamente redondem em prejuizo das emprezas jornalisticas.

Lisboa, 12 de maio de 1918.

Anibal Soares.»

Igualmente foi aprovado o seguinte aditamento, apresentado e justificado pelo sr. dr. Camara Reys e tambem assinado pelo sr. Francisco Vidal:

Proponho o seguinte aditamento:

Que na censura ao serviço telegrafico se restitua a importancia das palavras cortadas, tanto para os telegramas já expedidos como para os que, de futuro, sejam enviados — e que aos correspondentes sejam comunicados os córtes efectuados.

Camara Reys
Francisco Vidal

Por proposta do sr. Moreira d'Almeida, ficou uma comissão composta da mesa e dos srs. Luiz Derouet e dr. Anibal Soares, incumbida de redigir a representação que conterá as reclamações constantes da moção apresentada pelo ultimo daqueles jornalistas, representação que, depois de aprovada pela assembléa, será levada ao sr. Presidente da Republica pela mesma comissão e pelos representantes dos jornaes que a quizerem acompanhar.

Mortos pela Patria

Sufragando a alma dos nossos heroes

Realizam-se amanhã solenes exequias na Sé Patriarcal por alma dos nossos soldados mortos em França, promovidas pela comissão da assistencia religiosa em campanha, de que é presidente honorario o sr. cardeal patriarca.

O templo está todo coberto com armações funebres. Na nave central, em todos os arcos foram armados setiais em veludo preto bordado. No arco da capela-mór vê-se um grande setial em veludo negro e roxo bordado, encimado pela grande corôa de pedra do proprio arco.

No transepto ergue-se um majestoso catafalco, tendo dos lados duas tribunas, uma destinada ao corpo diplomatico e outra ao ministerio.

A capela-mór está toda forrada com panos de veludo e damasco, sendo a tribuna do lado da epistola destinada ao sr. Presidente da Republica e do Evangelho aos prelados.

A nave central é destinada ao alto funcionalismo, magistratura, oficiais da marinha e do exercito, etc.

A missa de pontifical é celebrada pelo rev. conego arcipreste sr. dr. Romão Guimarães, finda a qual haverá oração funebre, sendo orador o sr. bispo de Portalegre, D. Manuel Mendes da Conceição Santos, e em seguida preside ao «libera-me» o sr. cardeal patriarca, que dará a absolvição final.

A capela-mór é reservada ao clero.

A parte musical é desempenhada por sessenta executantes.

—A comissão central de assistencia religiosa em campanha convida todos os catolicos a assistirem ás solenes exequias que hão de realizar-se amanhã, pelas 11 horas precisas, na santa Sé Patriarcal de Lisboa, em sufragio das almas dos valorosos soldados portuguêses mortos em campanha.

Representação do professorado

Desde que o governo teve a feliz ideia de na nova lei eleitoral incluir as representações profissionais, ou tecnicas, parecia intuitivo que o professorado primario participasse dessa regalia. Mas tal não aconteceu.

Ha senadores representantes das tres Universidades do país, ha senadores para os liceus e Escolas Belas Artes, musica, etc., mas nem as escolas *primarias*, nem as normais, nem as industriais terão representante no senado.

E' deploravel semelhante falta.

Custa mesmo a compreender que os principais ramos de serviço publico, ficassem nas futuras camaras, sem condigna representação.

Mostra isto simplesmente que de *minimis non curat praetor*. Revela isto apenas que a instrucção primaria continua a ser relegada pelos governos, que ainda não chegaram á elementar convicção de que o processo do país só a esses factores é devido.

A cultura de qualquer povo nunca foi abitolada pelo ensino medio ou das Belas Artes, mas pela instrucção primaria. Até Alexandre Herculano já assim pensava, como tambem assim o pensou Victor Hugo, além dos mais afamados educadores.

Mas em Portugal não se pensa assim.

A escola primaria é sempre posta em ultimo lugar, e para mais nada serve, nas estações superiores e nos comicios e nas tribunas do que para tema de banalidades oratorias.

O problema mais melindroso, mais complexo dos povos é a instrucção primaria e normal.

Nada ha mais dificil de solução e tanto que todo o mundo, a não ser neste abençoado país, trabalha para equacionar esse tremendo problema e ainda o não conseguiu. Todos os filosofos, todos os economistas, todos os politicos dignos deste nome a ele se aplicam, versando sob aspectos varios, desde a velha Grecia, desde a antiga Roma e cada vez este problema é mais esfingico.

Um dos maiores organizadores da instrucção publica, em França, Lokanal, que fundou o instituto, o Museu de Historia Natural, e criou vinte e duas mil escolas primarias, disse estas palavras: —«Um povo sem boa instrucção primaria não pode ser forte, nem livre».

Todos os politicos que fizeram a gloria dos povos, colocam sempre acima de tudo a instrucção primaria, mas na nossa terra o fenomeno oposto é que se assinalou sempre. Por isso damos ao mundo o espectaculo duma nodoa tremenda. Por isso damos ao mundo o espectaculo duma